



A abordagem pancrônica do processo de repetição

Mariangela Rios de Oliveira

UFF

Introdução

Na pesquisa dos usos lingüísticos numa perspectiva histórica, a contemplar estudos diacrônicos e sincrônicos na pontuação das diversas etapas percorridas na trajetória da mudança das línguas, os mecanismos de repetição assumem papel fundamental, confirmando as relações estreitas entre padrões de frequência discursiva e a emergência da gramática.

Segundo os pressupostos teóricos do funcionalismo, no *continuum* do processo de gramaticalização, atuam como fatores de fixação das estruturas gramaticais, dentre outros, parâmetros relativos à *frequência* e à *adequação semântica* das formas que mais tendem à regularização ou sistematização. Além dos citados parâmetros, contribui para essa fixação o princípio de *iconicidade*, desdobrado em seus três subprincípios: proximidade, quantidade e ordenação linear - todos aplicáveis à explicitação dos processos gerais e mais sistemáticos de repetição.

O parâmetro de frequência preconiza que a alta recursividade de uma estrutura nas variadas manifestações discursivas faz com que tenda a aumentar a probabilidade dessa estrutura se regularizar lingüisticamente. Há estreita relação entre o efeito de frequência de usos discursivos e o aparecimento da gramática, como apontam DuBois (87), Givón (95) e Martelotta et alii (96), dentre outros. Termos repetidos em determinados ambientes textuais motivam certa padronização de uso, num processo típico de estágio inicial de gramaticalização.

O parâmetro de adequação semântica refere-se à tendência de determinados conteúdos serem mais sensíveis ao processo de regularização do que outros. Assim se explicam, por exemplo, as distintas

propostas de trajetória metafórica rumo à crescente abstração dos significados assumidas pelo funcionalismo. Sweetser (90) aponta o percurso *universo histórico-social* > *experiência fundante* > *ato de fala*; Traugott e Heine (91) sugerem a progressão *espaço* > (*tempo*) > *texto*; Heine et alii (91) propõem a seqüência *corpo* > *objeto* > *processo* > *espaço* > *tempo* > *qualificação*. Nas três postulações, o caminho rumo ao abstrato, ao *desbotamento* ou à transferência semântica, tem nos procedimentos de repetição uma de suas estratégias básicas. São os termos concretos do nível lexical, relativos à localização espacial ou ao domínio corporal, que, retomados sucessivamente na história das línguas, se transferem para outros campos de referência atingindo o nível gramatical, em estágios cognitivamente mais elaborados e mais abstratos de referencialidade.

O princípio de iconicidade, contraponto da arbitrariedade saussureana, prevê como motivado o binômio unidirecional *função* > *forma*. Fundada na relação de *um-para-um* entre o significado e sua formulação, a iconicidade prevista pelo processo de gramaticalização, a denominada *iconicidade diagramática*, apresenta-se desdobrada em seus três subprincípios.

O subprincípio da *quantidade* preconiza que, quanto maior, mais imprevisível e saliente for um conteúdo, maior também será a quantidade de forma adotada para sua representação. Este subprincípio guarda estreita relação com o traço *freqüência* (Traugott e Heine, 91), anteriormente mencionado como originador de gramaticalização. Em termos de repetição, a questão da saliência informacional se destaca no estudo da *quantidade* icônica.

O segundo subprincípio, o de *proximidade*, postula que, quanto mais próximos estiverem dois conteúdos, conceptual e cognitivamente, mais próximas também deverão estar as formas que os representam. O traço *proximidade*, assim definido por Givón (95), tem correspondência com o *princípio de adjacência*, preconizado pelo autor como fator de gramaticalização; segundo este princípio, a distância espaço-temporal na cadeia da fala tende a refletir distância conceptual.

O terceiro subprincípio icônico, o de *ordenação linear*, estabelece que, quanto mais importante, previsível e temático for um conteúdo, mais sua forma correspondente tenderá a se localizar na parte primeira do enunciado, em posição de destaque. Para a abordagem da repetição,

a questão da ordem linear é de todo relevante. As estratégias que se regularizam encontram-se ordenada e hierarquicamente articuladas segundo padrões determinados pelo uso. A ordenação linear é considerada uma restrição gramatical básica.

Dentre os mecanismos de repetição atuantes pancronicamente na regularização gramatical, tomam-se como exemplos para esta apresentação aqueles relativos ao desenvolvimento e à fixação da referência temporal de futuro, um tipo de frequência, na terminologia de Bybee e Thompson (97), observado na história de considerável número de línguas.

REPETIÇÃO E REFERÊNCIA DE FUTURO

Na investigação histórica da trajetória de mudança lingüística, uma das maiores contribuições das estratégias de repetição para a fixação de padrões gramaticais encontra-se no desenvolvimento das marcas de futuro. Em geral, tais marcas têm origem em modelos discursivos de expressão de vontade ou desejo. Retomadas sucessivamente pelos usuários na interação cotidiana, eleitas e regularizadas cada vez mais pela comunidade lingüística, tais marcas acabam passando por um processo de reanálise sintática, em que se fixam como ordem básica para a expressão de sentido futuro. Está iniciado, assim, o caminho rumo à gramaticalização - de uma estrutural opcional, discursiva, para uma ordenação regular, sistemática. A etapa seguinte representa a passagem da sintaxe para a morfologia, com a crescente redução semântica e fonológica prevista em processos como esse.

Em português, assim foi o caminho percorrido na expressão do futuro do presente, exemplificado nas séries **hei de falar** > **falar hei** > **falarei**, correspondentes, de forma geral, à mudança *discurso* > *sintaxe* > *morfologia*. Não se trata tão somente da alteração verificada na integração do plano formal; o conteúdo também passa por transformação, transformação esta identificada fundamentalmente pelo *desbotamento* semântico do verbo **haver**, que atinge seu ponto de maior opacidade como desinência modo-temporal, num estágio em que se torna quase imperceptível o sentido inicial de expressão de vontade.

Essas alterações nos planos semântico e sintático são nomeadas por Bybee e Thompson de *efeito de redução*, uma das conseqüências

pancrônicas da frequência na sintaxe. Segundo as autoras, estruturas lingüísticas altamente repetidas funcionam como estratégias *automáticas*, à semelhança das demais atividades de produção humana. Em consequência desse automatismo, tais estratégias tornam-se cada vez mais *eficientes* na interação, deixando de representar apenas **uma** das possíveis alternativas de comunicação e passando a constituir a estrutura gramatical consagrada pela comunidade lingüística.

A gramaticalização da expressão de futuro em português comprova também o segundo efeito de frequência na sintaxe proposto por Bybee e Thompson, complementar ao efeito de redução referido - trata-se do *efeito de conservação*, segundo o qual, a retomada freqüente de uma forma faz com que sua representação seja cada vez mais fixada, facilitando sua acessibilidade em novas oportunidades. Uma das consequências mais visíveis do efeito de conservação das estruturas lingüísticas estaria nos casos de irregularidade, comprovadores da retenção pela repetição. Através do efeito de conservação assim proposto, seria justificável a alomorfia da desinência **rei** na primeira pessoa do singular, que estaria tão somente retendo sua irregularidade originária, através de **hei**. Note-se que, mesmo diante de tantas alterações e reduções funcionais e formais sofridas por esta expressão de futuro português, foi conservada a singularidade alomórfica de tal referência.

Assim posto, é possível constatar que as estratégias de repetição, ao longo da história dos fatos lingüísticos, têm produzido dois resultados distintos e complementares, responsáveis tanto por desgaste e degeneração (efeito de redução) como, por outro lado, por retenção e singularização (efeito de conservação). Esses dois efeitos respondem, respectivamente, pelos fenômenos de automação e de irregularidade verificados nos padrões gramaticais das línguas em geral.

A evidência do caráter pancrônico desse processo, que conjuga reanálise sintática e mudança ou conservação semântica, se encontra na sincronia atual da língua portuguesa. Nos dias de hoje, embora haja à disposição dos usuários uma desinência verbal gramaticalizada para a representação futura, com suas marcas flexionais sistemáticas, há forte tendência para a utilização de perífrases para essa representação. Através da repetição, fica cada vez mais regular e automático no português do Brasil o uso de sintagmas do tipo **vou falar**, ao invés de **falarei**; **vai falar**, no lugar de **falará**; ou ainda **vamos falar**, mais freqüente do que

falaremos. Trata-se de procedimento semelhante ao verificado com o futuro do presente em sua evolução desde a origem latina.

Tal como **haver**, a forma verbal **ir** encontra-se, nesse processo, mais abstratizada. A idéia básica de *deslocamento no espaço* transfere-se para *deslocamento no tempo*, confirmando a trajetória da mudança lingüística assumida pelo funcionalismo.

Outra estrutura resultante da reanálise de padrões discursivos como padrões gramaticais, exemplificadora do efeito de frequência na sintaxe e que vem progressivamente se regularizando no uso coloquial e oral para a representação de obrigatoriedade, de um fazer futuro, é o sintagma **ter que + infinitivo**. Em **tenho que falar, tem que falar** ou **temos que falar**, não há praticamente mais condição de se identificar alguma autonomia da forma verbal **ter**, seja do ponto de vista semântico (a idéia concreta de posse foi perdida) ou sintático (não se pode lhe atribuir *status* oracional pleno). O fato dessa expressão se encontrar assim tão fortemente vinculada conceptual e formalmente, na representação e fixação de uma organização semântico-sintática, indica tratar-se de um processo de gramaticalização em pleno curso, desencadeado pela alta recursividade, pela contínua reiteração por parte dos usuários desse arranjo estrutural.

Séries como **tenho que falar/ vou falar/ falarei, tem que falar/ vai falar/ falará** ou ainda **temos que falar/ vamos falar/ falaremos** configuram-se como formas em competição momentânea na história do português, conforme se encontra em Hopper (91). Representam distintas camadas polissêmicas que passaram a integrar o paradigma gramatical em diferentes estágios da mudança lingüística. Séries como essas convivem durante períodos indetermináveis, possuem idades distintas (as mais recentes são as mais extensas em termos formais) e funcionam complementarmente na representação da referência de futuro, condicionadas que estão a variáveis como: tipo de texto, modalidade, grau de formalidade, dentre outras.

Segundo Bybee (88), a trajetória de mudança dos sentidos lexicais rumo aos gramaticais pode ser identificada numa mesma língua, por intermédio da investigação de suas distintas etapas de evolução, ou translingüisticamente, através da análise de várias línguas. Dados relativos a outras línguas vêm confirmar o caráter pancrônico do efeito da frequência de uso na referência de futuro. Um exemplo clássico

utilizado pelo funcionalismo nessa demonstração é o que ocorre com o Tok Pisin, língua originária do *pidgin* de mesmo nome de Papua/Nova Guiné, como demonstram Sankoff e Brown (76), em *A origem da sintaxe no discurso*. A forma de representação de futuro nessa língua é o que resulta da redução semântica e estrutural de um termo adverbial de tempo que, usado reiteradamente, passa a assumir uma designação modo-temporal de futuro, através da trajetória **bai em bai** (*daqui a pouco; pouco a pouco*) > **bambai** > **bai** (morfema modo-temporal de futuro).

Meillet (12), em *A evolução das formas gramaticais*, atesta a tendência generalizada de utilização de formas de manifestação de intencionalidade para indicar ações ainda não realizadas, originado-se, assim, paradigmas gramaticais de tempo futuro nas línguas em geral. Dentre a exemplificação do efeito de tal uso, o autor destaca uma das expressões de futuro do francês na atualidade, que se origina da evolução **j'ai a finir** > **je finir ai** > **je finirai**. Constata Meillet que o verbo **avoir**, em situações como essa, não mais preserva o sentido original de posse, perdendo seu valor expressivo concreto, uma vez que se encontra intrinsecamente unido à forma infinitiva. Conclui o autor, antecipando-se à proposta funcionalista da origem discursiva da gramática, que o desejo de expressão gera estruturas sintáticas que, pela frequência de uso, perdem *status* informacional, abstratizam-se, e passam a funcionar como formas gramaticais, mais integradas conceptual e formalmente. Meillet destaca a sintaxe como primeiro nível de gramaticalização, como consequência natural e previsível da consagração e da convencionalização pela interação social lingüística. Para ele, se a ordem em latim era questão expressiva ou pragmaticamente condicionada, nas línguas românicas a situação é outra: a ordem possui valor gramatical, com implicações sintáticas, morfológicas e fonético-fonológicas.

A expressão de futuro do inglês representada pela forma **will** também resulta do efeito de frequência de uso. Okamura (96) aponta duas funções atuais para essa partícula: uma de referência de futuro, o que chama de *futuro puro*, e outra de modalização. De acordo com o autor, o futuro puro **will**, estágio mais gramaticalizado desse termo, tem origem numa primitiva forma verbal de expressão de desejo ou intenção, que teria se auxiliarizado, perdendo assim o *status* de verbo pleno; em fase posterior, **will** reduz sua função à referência de futuro. A partícula **will**, no inglês atual, possui, portanto, dupla funcionalidade, modal e temporal,

evidenciando um processo marcado pela conservação formal e pela redução semântica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se procura demonstrar aqui, de maneira extremamente sucinta, são os efeitos de um dos procedimentos mais comuns no uso lingüístico, a repetição, como estratégia de regularização e de convencionalização ao longo da história das línguas em geral. Segundo Haiman (94), assim como os demais mecanismos que se retomam e automatizam no âmbito cultural, as construções gramaticais são resultado também de estratégias de repetição que conduzem à ritualização, à convencionalização. Através da frequência de uso, elas se fixam cada vez mais, se tornam sistemáticas, eleitas como padrão da expressão lingüística. Em uma palavra - gramaticalizam-se.

Esse processo, extremamente marcado pelo efeito de redução e parcialmente marcado pelo efeito de conservação; não se resume à alteração ou não da configuração formal das expressões lingüísticas. A frequência de uso tem estreita correlação com as estratégias de representação mental. São conteúdos que se transformam e especializam; noções que se integram e refinam. Trata-se da passagem da referência lexical, externa, transparente e motivada, para a referência gramatical, interna, progressivamente mais opaca e convencional. Os significados concretos dão lugar às noções lógico-formais. Manifestações de desejo e de intenção, no nível do discurso, são regularizadas para a representação modo-temporal de futuro, no nível da gramática. A criação se transforma em sistematização. Assim ocorre às manifestações culturais, assim ocorre aos usos lingüísticos.

Referências Bibliográficas

- BYBEE, J. 1988. *Semantic substance vs. Contrast in the development of grammatical meaning*. Inédito.
- BYBEE, J. & THOMPSON, S. 1997. *Three frequency effects in syntax*. Santa Bárbara: University of New Mexico and University of California. Inédito.
- DUBOIS, J. 1987. *Competing motivations*. In: *Coherence and grounding in discourse*. Amsterdam: Benjamins.

- GIVÓN, T. 1995. **Functionalism and grammar**. Amsterdam: Benjamins.
- HAIMAN, J. 1994. **Ritualization and the development of language**. In: Perspectives on grammaticalization. Amsterdam: Benjamins.
- HEINE, B. et alii. 1991. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press.
- HOPPER, P. 1991. **On some principles of grammaticalization**. In: Approaches to grammaticalization. Amsterdam: Benjamins.
- MARTELOTTA, M. et alii. 1996. **Gramaticalização no português do Brasil - uma abordagem funcional**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ.
- MEILLET, A. 1912. **L'évolution des formes grammaticales**. In: Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Champion.
- OKAMURA, Y. 1996. **The grammatical status of pure future "will" and the category of future form**. In: Studies in language.
- SANKOFF, G. & BROWN, P. 1976. **The origins of syntax in discourse: a case study of Tok Pisin relatives**. In: Language. 52.
- SWEETSER, E. 1990. **From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure**. Cambridge: Cambridge University Press.
- TRAUGOTT E. & HEINE, B. 1991. **Approaches to grammaticalization**. Amsterdam: Benjamins.